

O HOMEM LIVRE

Redator-chefe: Geraldo Ferraz

Rua S. Bento, 38 — 2.º andar — Telefone 2-3780

Diretor-gerente: José Pérez

Ano I

S. Paulo, 24 de Junho de 1933

Num. 5

As classes trabalhadoras e a democracia

Na aurora de seu movimento político independente, as classes trabalhadoras apareceram lutando por reivindicações de ordem democrática. Todo o famoso movimento cartista, em seu conteúdo político, não é outra coisa senão a luta árdua em prol do sufrágio universal, da abolição do censo eleitoral, das imunidades parlamentares e do voto secreto.

Em 1836, Lovett, um partidário das doutrinas de Owen, fundava a Associação dos Operários de Londres, cujos estatutos diziam que o fim da sociedade era congregar as classes trabalhadoras, afim de serem obtidos "direitos políticos e sociais iguais para todos".

E lutando contra o obscurantismo em que os reacionários da época procuravam manter a massa popular, a Associação afirmava em seu manifesto de 1836: "A ignorância faz brotar em nós o sentimento de que nascemos para o trabalho e os outros para o prazer, e que, segundo a própria natureza, nós seríamos inferiores aos outros homens, devendo nos inclinar humildemente diante do poder daqueles que se comprazem em chamar-se classe superior..."

Isso se passava na Inglaterra na época do cartismo. Era o início, num país onde o capitalismo já atingira um desenvolvimento notável, e estavam vencidas quasi todas as sobrevivências feudais, de uma política independente da classe operária.

Anteriormente, a massa popular algo confusa dos proletários e artesãos, já havia, parte que era do "terceiro estado", lutado contra as instituições e privilégios feudais. E essa luta veio se renovando pela história; e hoje, em condições e formas diferentes, ela se apresenta ainda.

O exemplo da revolução espanhola é dos nossos dias, e ele nos mostra mesmo o que é de uma importância capital para a compreensão da história do nosso tempo, que somente as classes trabalhadoras podem agora fazer triunfar em sua plenitude as palavras de ordem democráticas. A república está em perigo na Espanha. As minorias hoje dominantes, que tão revolucionárias se mostraram no século XIX, diante das classes operárias em ascensão, fazem alianças com todas as realidades.

E estão mesmo dispostas (se o Estado Corporativo não der resultado...) a transformar-se por um passe de magia, fazendo andar para trás a roda da história, em barões feudais, esquecendo-se que descendem em linha reta, não da pobreza, mas dos vilões medievais...

Um instinto profundo guia as classes trabalhadoras na sua evolução política. Na luta contra o feudalismo ela luta lado a lado com uma classe dela separada por inelutáveis contradições econômicas, mas que de um ponto de vista histórico representava formas superiores da evolução da humanidade.

Na grande revolução francesa,



ROOSEVELT: — Vamos, Adolfinho! Paga o que a enfermeira diz... (Do Evening Standard, Londres)

a revolução burguesa típica, elas constituíam a massa do "terceiro do estado". A sua atuação vivia feita mesmo que os acontecimentos por vezes fossem além das medidas históricas. Mas nem por isso o "terceiro estado" era um todo econômico homogêneo. Qualitativamente a oposição entre os proprietários e os operários das grandes manufaturas de Paris ou de Lyon era, pode-se dizer, a mesma dos nossos dias.

Em 1793, em pleno reinado da "liberdade, da igualdade, e da fraternidade", o "patriota" Saint-André escreve ao convencional Barère, logo após declarar-se a insurreição clerical e realista da Vendéia: "E' preciso, de uma maneira em extremo imperiosa, fazer viver o pobre, se quiserdes que ele vos ajude a terminar a revolução". E' a que a desproporção entre os salários e o custo da vida se tinha agravado de uma maneira prodigiosa.

A miséria recrudescia. Jacques Roux, no meio dos conflitos que se verificavam em Paris, justificava a pilhagem das casas comerciais: "Eu penso — dizia ele na Comuna — que os mercadores apenas restituem ao povo aquilo que eles faziam pagar muito caro há muito tempo". Em Lyon a situação, no mesmo ano de 1793, era mais grave ainda: 4.000 toneladas exigem que se imponham determinadas taxas aos fabricantes. Estes se organizam para resistir às exigências dos operários que reclamam ainda um imposto progressivo sobre o capital. Todos esses conflitos econômicos não esmoreciam contudo o ardor com que os oprimidos se atiravam à luta contra os privilégios feudais.

Nos nossos dias as minorias dominantes não precisam mais das liberdades democráticas. Tendo conquistado o poder político em todo o mundo, elas precisam de "liberdade" apenas para oprimir, no que são estorvadas muitas vezes pelas suas próprias contradições de classe. Deante da massa popular esclarecida e conciente de seus interesses graças aos direitos políticos que sobre conquistaram, a plutocracia chega mesmo a abrir mão de alguma de suas prerrogativas. Somando a isso a demagogia que visa dividir os oprimidos, temos o fascismo.

A luta pelas liberdades democráticas impõe-se hoje mais do que nunca para a imensa maioria das populações. Não é a luta que o fascismo, cuja baixa missão histórica é garantir o poder a uma minoria privilegiada, se atira com tamanha fúria contra a democracia a que procura atribuir todos os males do mundo moderno. A crise que atravessamos marca o fim de um regime econômico. E as classes trabalhadoras, com o seu instinto profundo, vêm nas liberdades políticas que reivindicam não um fim, mas uma condição indispensável para a luta pela sua emancipação social.



— Mamãe, será o King Kong? — Não! É um parente do chanceler Hitler...

LIBERDADE DE IMPRENSA SÓ PARA OS FASCISTAS

Telegramas de Berlim dizem ter sido eleito para presidente da Federação da Imprensa Berlinesa o capitão Wilhelm Weis... redator-chefe da edição do órgão racista "Völkischer Beobachter", daquela capital.

Ao mesmo tempo reformavam-se os estatutos da Federação, de modo a permitir a exclusão de todos os membros considerados inimigos da Alemanha Nacional.

E' o processo de fascistização da imprensa, copiado servilmente ao regime de Mussolini, prendendo aos cordões da direção do partido que está no poder, todos os elementos dos órgãos de opinião, transformando a liberdade de imprensa no papel carbono das ordens emanadas do governo.

Um interessante aspecto da ditadura fascista, para jornalistas nossos que tanto falam em liberdade de imprensa e que não se pejam de assinar artigos exaltando os "genios" que usurparam o poder, na Itália e na Alemanha.

De chanceler a futuro furriel

A estrela de Hitler empalidece já. Depois de esgotado o seu carnavalesco arsenal de gestos simbólicos para as galerias históricas da pequena burguesia, o Führer viu-se forçado a entrar na ação propriamente "construtora". O famoso plano de quatro anos veio afinal à luz.

Entre outros resultados, teve o de levantar o preço da margarina e do pão para compensar os prejuízos trazidos pela crise agrária aos pobres JUNKERS latifundiários da Prússia Oriental. Os companheiros e fâmulos de Hindenburg e de Hugenberg estão assim convencidos de que o pequeno burguês Hitler pode perfeitamente substituir o seu velho Guilherme II em grandiloquência e amor ao povo.

Desabafados os seus furores irracionalistas contra os proletários e os judeus sem dinheiro, as massas nazistas estão agora à espera do "socialismo" prometido pelo belo Adolfo, enquanto ele não rasga o TRATADO DE VERSAILLES, põe o seu joelho sobre o peito da França e recomeça a conquista do mundo povoado de raças inferiores que Guilherme deixara em começo.

Instalado na Wilhelmstrasse, Hitler teve que adiar o seu programa. Com voz de tenor em idílio jurou fidelidade ao famigerado Tratado, prometeu comportar-se bem direitinho de agora por diante, obedecer aos compromissos assumidos pelos seus antecessores social-democratas, amar a paz sobre todas as coisas e os banqueiros imperialistas mesmo sendo judeus, em particular.

Depois de todas essas humilhações, esperou que os seus superiores na hierarquia capitalista internacional o deixassem, ao menos, "despertar" a sua pequena pátria nativa. Mas nem os franceses, nem os americanos, nem os homens de governo da Inglaterra estiveram pelos autos. Mussolini, o seu próprio modelo

e mestre, não teve condescendência para com o discípulo. O resultado é que Dollfuss recobrou coragem e começou a desancar o cacete na cobra nazista que estava levantando a cabeça na Áustria.

As suas juras pacifistas no Reichstag comoveram só um pouco aos seus inextinguíveis fiscais, que exigiram atos. O orgulhoso líder teve então que despachar um assaia a Genebra para beber o cálice da humilhação até o fim. Foi um dia o seu dilema ameaçador: Ou o desarmamento imediato dos outros, ou a Alemanha se armaria até os dentes. Nem os outros desarmaram, nem lhe foi reconhecido o direito a armar-se. Ainda por cima, teve que engulir o plano Macdonald, de desarmamento por etapas e para o futuro, de acordo com os interesses anglo-franceses.

A intenção mussoliniana do pacto quadruplo foi um tiro que lhe saiu pela culatra. O projeto saído da cabeça do "Duce" foi inteiramente posto de lado. E para que a sua ideia fosse aceita pelo menos em princípio, o grão-chefe fascista teve que curvar-se diante da França, fazendo-lhe um formidável rapapê. Refeito o parto segundo as exigências da França, foi mais uma pilula amarga que Hitler teve que ingerir. Hoje, a única possibilidade de aplicação que resta ao pacto é uma futura cruzada anti-soviética. Quanto ao mais, é só para inglês ver.

Restava a única esperança: a Conferência Econômica Mundial. Hitler despachou os seus esculdeiros para Londres. Hugenberg, sendo o homem mais respeitável e o único com folha corrida entre os homens de governo e de negócios dos grandes países ocidentais, foi incumbido de lançar a última cartada nazista. E veio o MEMORIAL, como suprema tentativa do governo nacional-socialista para mostrar ao mundo que tinha vontade própria. A Alemanha nazista desejava sim-

plemente recuperar o velho e mesquinho império colonial, repartido que fora entre ingleses, japoneses, americanos, etc. Não sendo possível, então podia licenciar para colonizar... a Rússia. Hugenberg nem pôde acabar de ler o seu projeto. Os homens sézudos da Conferência se entrecalharam, e um continuo foi comunicar ao representante do terceiro Reich que não insistisse... O Memorial foi retirado da mesa da Conferência antes mesmo de ir a plenário. Hugenberg teve que regressar ao seu poleiro em Berlim, tristemente, como uma galinha molhada. Para salvar as aparências, assumiu o papel de bode expiatório: o Memorial representava apenas a sua opinião própria. Explicou então aos funcionários da imprensa nazista que o plano não se dirigia contra ninguém. A referência à necessidade de expansão colonial da Alemanha não era contra as potências do Ocidente nem mesmo contra a União Soviética. Será então contra nós? Do contrário, como pensar que a megalomania nacional-socialista, não tendo mais lugar nenhum na terra onde exercer-se, ou já não se satisfazendo com as mesquinhas proporções do nosso globo, quer colonizar outros planetas ou expandir-se para a lua.

As grandes nações imperialistas estão pondo à prova a paciência do tráfego chanceler fascista. Está vendo si ele dá para alguma coisa. Querem porém educá-lo primeiro. Quando já estiver bastante domesticado, então poderá ser chamado para servir de furriel de seus inimigos mais acérrimos (a França, a Polónia) e de seus superiores mais respeitados (a Inglaterra, os Estados Unidos). Daqui até lá, tem tempo. Os servidores só se apresentam na hora em que o patrão chama: o momento da cruzada contra o Estado proletário ainda não chegou.

R. M.

Claudio Treves

FRANCISCO FROLA
(Especial para "O Homem Livre")

Depois de Turati, Claudio Treves. Os dois chefes do socialismo italiano morreram no exílio, a pouca distancia m do outro.

O tribuno Genuzio Bentini costumava dizer: "Turati é como o oceano. Treves como um cimo altíssimo". De fato, Turati era mais universal do que Treves. Este, porém, tinha a inteligência mais percutiente.

O primeiro sugeria a ideia de uma orquestra polifônica. O outro, de um grilo que alcançasse o céu.

Morreram ambos na batalha, deixando posições insubstituíveis. Turati, já velho e cansado, Treves, ainda jovem e rijo. E nos deixaram no mais perigoso da luta, quando mais necessitávamos de sua obra.

Claudio Treves, como Turati, como Matteotti, era um fugitivo da burguezia.

Ele declara: "Senti ser subversivo desde a infância. Nunca fui crente e sempre fui anti-clerical" e quando chegou à Faculdade de Direito, proclamava: "O marxismo tornou-se o meu credo político".

Tendo obtido o diploma de advogado em 1890, com 21 anos de idade, inicia a sua colaboração em "Critica Social", a gloriosa revista de Filippo Turati e de Ana Kulichoff.

Mais tarde vai à Alemanha, onde logo se coloca em lugar de destaque devido às suas brilhantes qualidades de homem político. Colabora no "Vorwärts" com uma série de artigos sobre a aventura nacionalista africana que culminou com a derrota de Adua.

Tendo voltado à Itália e assumido a direção do jornal socialista "Il Grido

del Popolo", em 1894, durante o período das leis excecionais, é processado e condenado em companhia de Oddino Morgari e Guglielmo Ferrero.

Estamos em 1898. Treves vai à Suíça, onde faz uma série de conferências. Da Suíça transfere-se para Paris, em qualidade de correspondente do "Avanti!". Daí dirige-se a Milão, onde inicia no jornal "Luta de Classe" e na revista "Pro-Anistia" a campanha em prol da libertação dos condenados durante a repressão de Bava-Beccaris.

Ana Kulichoff e Filippo Turati saem da prisão... Turati é eleito deputado por Milão com uma votação plebiscitária.

Desde esse momento, inicia-se entre os dois grandes desaparecidos aquela colaboração fraterna que durará trinta anos e que deu ao socialismo italiano as mais nobres manifestações.

Treves entrou na Câmara em 1907, na qualidade de deputado por Milão. O seu primeiro discurso foi contra as despesas militares.

Desde esse dia até o de sua morte, a vida de Claudio Treves foi toda gasta ao serviço do socialismo. Quer na direção do "Avanti!", quer na do Partido, como na sua ação parlamentar, deixou magníficas provas de talento.

Durante a grande guerra, num memorável discurso na Câmara dos Deputados, em 1917, lançou o famoso aviso "neste inverno, bem mais um ano! do nas trincheiras!".

A sua atitude resoluta, corajosa, contra a guerra granjeou-lhe o odio de todos os patrioteiros que dese-

(Continua na 2.ª pag.)

A última invenção dos Nazis

"O Papa Pio XI é judeu"

O regime fascista que oprime há dez anos a Itália recebeu, como todo o mundo sabe, a paterna bênção do chefe do catolicismo, o papa Pio XI. E há pouco tempo o chefe da igreja abençoou Von Papen, um dos mais dignos comparsas do "Führer" germanico Hitler.

A insanía fascista, porém, não tem limites e na sua espantosa incongruência atira-se contra todos e contra tudo, até contra quem está de acordo com todos os regimes instituídos para massacrar o povo e fazer retroceder a civilização aos tempos sombrios da Inquisição.

Eis a ultima dos nazis:

"Desde o momento que o dr. Dollfuss, chanceler federal da Austria, partia para Roma, ao mesmo tempo que o prelado Kaas, chefe do centro alemão, afim de pedir instruções ao negroiro de todos os povos escravos, o papa Pio XI, judeu de origem, e campeão do capitalismo, nós sabíamos já que esses ignobis conciliabulos eram dirigidos contra a grande Alemanha nacional-socialista.

Repetimos, alto e bom com, papa judeu! Com efeito, o papa Pio XI, quando não era sinão cardeal, chamava-se Achilles Ratti. E' filho ilegítimo de uma judia neerlandesa chamada Littman.

Portanto, o Santo Padre infalível não é sinão um vulgar judeu".

(De "Das Voelkische Woch. Nord-deutschlands", hebdomadário nazista da Alemanha do Norte).

OS ESTUDANTES CARIOCAS PROTESTAM

Contra as infâmias fascistas de Herman Kreh e do dr. Ley

RIO, 22 — Para protestar com veemência contra os insultos que escreveu contra os brasileiros o fascista Herman Kreh, que levou certamente a sério as sanfarronadas de Hitler antes de subir ao poder que reclamava espaço para o "povo eleito", os estudantes das nossas escolas superiores haviam deliberado realizar ontem um comício na praça Mauá, comício esse que seria seguido de uma passeata. Às 13 horas grande número de estudantes ali se achava, empunhando cartazes bastante sugestivos, de protesto contra as infâmias nazistas. A polícia, contudo, não permitiu que o comício se realizasse.

Os manifestantes dispersaram-se, tendo, no entanto, resolvido constituir um "comitê", que se esforçará para que manifestações publicas sejam realizadas subada.

Essas manifestações serão também de protesto contra as injúrias que o delegado nazista, o dr. Ley, lançou em Genebra contra as delegações sul-americanas, constituídas de indivíduos de "raça inferior", e que "todas juntas", não valem a que é constituída pelos fâmulos de Hitler, todos arianos puro sangue...

UM MANIFESTO DE "GIUSTIZIA E LIBERTÀ" CONTRA A GUERRA

A organização revolucionária antifascista "Giustizia e Libertà" fez circular clandestinamente na Itália um manifesto, do qual reproduzimos os pontos principais:

"O fascismo é sobretudo instrumento de guerra: nasceu na luta fratricida no interior do país; proclamou sempre, como fim em si mesmo, a guerra externa para as conquistas 'imperialistas'. Quando o fascismo ainda se identificava com as valências retóricas de Mussolini, o perigo de um conflito armado estava ainda distante.

Alas hoje, a loucura reacionária e devastadora invadiu e submeteu a Alemanha, uma das mais temíveis forças do mundo. O espírito de uma nova e medonha conflagração avança a grandes passos, ameaçando as últimas democracias existentes na Europa.

Sabemos muito bem que estas democracias não são perfeitas: podem ser consideradas como, em parte, responsáveis dos erros do pós-guerra e da situação atual. Mas devemos reconhecer que hoje estas democracias não desenvolvem uma política de guerra, da qual teriam tudo a perder. Elas são também as únicas nas quais as classes trabalhadoras conservam o direito de agir contra as maquinarias da guerra. Conquanto, para o antifascismo italiano não se trata de participar num ou outro grupo; mas de continuar e de intensificar ao máximo a ação revolucionária e categoricamente certo que a provocação sistemática, a meditação e febril preparação agressiva são privilégios dos vários fascismos, desde o de camisa preta até o 'crucificado'.

Na atmosfera de catástrofes próximas que sufoca a Europa, "Giustizia e Libertà" não pode e não deve limitar-se a uma inerte crítica política ou histórica; a abstrair disputas sobre as razões e as razões dos contendores. Um dever preciso se nos impõe de agir resolutamente, para tirar das circunstâncias, sejam quais forem, o máximo resultado a consequência de nosso fim: a Itália livre e republicana, a Itália do Trabalho.

Nenhuma dúvida, portanto, nenhuma hesitação; nenhum escrúpulo mesquinho e nenhuma obtusidade nacionalista, de qualquer forma venha vestido. O antifascismo democrático que se encontra sobre o terreno da luta revolucionária para a conquista da liberdade e para abater todos os pilares políticos e sociais da tirania, deve, antes de mais nada preparar-se espiritualmente e materialmente à eventualidade de uma guerra. Até lá pouco, podia-se não acreditar na guerra; hoje, depois da vitória hitleriana, não obstante todas as hipocrisias pacifistas e as manobras para o desarmamento... dos outros, Mussolini espera ainda mais e anseia por encontrar um caminho de saída em um conflito: real. Ele semeou fúria, cambões palavras de ódio e de ameaça: não poderá colher e distribuir ramos de oliveira. Ele é arrastado pela mesma engrenagem de sua própria política interna, e empurrará a Itália para uma pavorosa aventura.

"Giustizia e Libertà" declara-se desde agora contra a guerra e faz

apelo às classes trabalhadoras e aos italianos em geral — na pátria da fé dela — para que se neguem a admitir que os interesses da nação sejam identificáveis com as de um ditador mentecapto, de uma dinastia abominável e deshonrosa, de bandos negociadores e de milícias pretorianas. A democracia revolucionária antifascista proclama o seu direito à revolução em qualquer circunstância e especialmente na ocasião trágica de um conflito. A vontade decisiva e todos os nossos esforços devem ser dirigidos na transformação da guerra fascista em guerra civil de libertação. A pátria está nas casas, nos campos, nas oficinas, no trabalho livre, no pensamento e nas obras dos italianos, não nas pontas das balonetas dos nossos opressores. O inimigo está dentro e não fora das fronteiras.

A guerra fascista seria, no espírito, si não nos fatos, uma segunda "marcha sobre Roma"; de vastaria e massacraria a Europa, para fazer voltar o feudalismo na Alemanha, restaurar a monarquia dos Habsburgos na Áustria-Hungria, consolidar na Itália e impor aqui e ali, no mundo, um regime de terror capitalístico e de tirania política. Os italianos verteriam sangue para refazer as suas próprias cadeias.

Nem deve valer, no interior e exterior, a mentira costumeira da guerra defensiva: qualquer guerra na qual Mussolini comprometa a Itália, é guerra ofensiva, guerra premeditada e provocada pelo fascismo.

"Giustizia e Libertà" agirá abertamente contra tal guerra. Não estaremos impassíveis com os braços cruzados esperando que o maná da liberdade chova do céu. Interviremos energeticamente, afim de que a guerra fascista seja sabotada de toda forma possível e por todos os meios.

"Giustizia e Libertà", vanguarda revolucionária do anti-fascismo democrático italiano afirma que nos devemos preparar para combater em dois "frontes": no exterior chamando à emigração italiana a se rebelar contra a mobilização e a conservar-se pronta para um intervenção antifascista na Itália, na hora oportuna; no interior, sabotando a propaganda, a mobilização, as operações de guerra, e desenvolvendo uma intensa atividade entre os elites, operários, camponeses, para que a guerra fascista resulte fatalmente na revolução.

A integridade territorial da Itália e a pacífica expansão de qualquer sua iniciativa civil não estão ameaçadas por ninguém. Podemos serenamente combater contra a guerra fascista, sem temer que o Segundo Resurgimento possa ser fruto de trocas de províncias ou de privilégios.

Concelos, porém, da responsabilidade que assumimos diante do país e do mundo, estamos preparados, mais do que nunca, a nos batermos contra a barbárie fascista; e consideramos bem dispendiosa a nossa vida se o sacrifício não nos contribuirá a dar à Itália liberdade política, justiça social e se puser na vanguarda da reconstrução democrática, socialista e republicana da Europa.

CLAUDIO TREVES

(Continuação da 1ª pag.)

Javam a continuação da carnificina para contemplar os próprios sújos interesses, mas suscitou na alma dos proletários um grande afeto pelo homem que, conciliante das próprias responsabilidades e coerente com a própria fé, queria pôr fim ao drama horrível.

E quem o odiou com todas as forças, foi Benito Mussolini, pequeno fahagas de província, que alcançou o domínio da Itália pelo jogo de cartas e absurdas combinações.

Claudio Treves, como Turati, como Matteotti, não tiveram fraquezas perante o tirano. A sua eloquência bateu em cheio, como um chicote, no demagógico traidor do socialismo.

Treves era um orador político insuperável. Armado de uma cultura ampla, dotado pela natureza de uma agudeza profunda e de um sentido profundo de síntese, ele abarcava, na sua frase, panoramas imensos e os apresentava com visões messiânicas. O seu discurso sobre a crise de pós-guerra imobilizou a Câmara, e a deixou comovida, espantada, pelo horror que evocava. Quando veio o fascismo, o odio contra Claudio Treves intensificou-se. Viveu na Itália até 1926, sempre em perigo de vida. Depois emigrou para a França, onde assumiu a direção de "La Libertà", órgão da concentração antifascista.

Morreu, inesperadamente, de "angina pectoris", com 54 anos de idade.

Juntos no jardim de nossas memórias as flores imarcescíveis do amor e da fé e deponhamo-las sobre o seu túmulo.

Farmacia Municipal

Telefone 4-7767

Rua Barão de Itapetininga, 36

OS JUDEUS E OS ESTUDOS

O Conselho Municipal de Berlim decidiu que não será concedida, de ora por diante, nenhuma isenção de taxas de ensino a estudantes israelitas que já tenham atingido o limite previsto pelo "numerus clausus".

Será considerado como judeu todo aluno que tiver um parente próximo ou distante, de origem acmitica.

(Kreuzzeitung - Berlim)

A ORDEM NA ITALIA FASCISTA

Mussolini representa uma aventura medieval na Itália de hoje.

Para manter este absurdo estado de coisas, foi necessário criar uma enorme força de polícia que custa quase o triplo da França.

A ordem que impera na Itália em nada difere da de um presidio. Não é uma ordem espontânea, mas uma desordem cristalizada. Todos os italianos, salvo uma pequena minoria, odeiam o fascismo, porém não se permite nenhuma livre manifestação. Esta situação artificial empobreceu a Itália. Todos os índices econômicos revelam uma grande depressão. Todas as indústrias paralizaram. Existe uma tremenda crise agrícola. Produzem-se na Itália mais falências financeiras do que em qualquer outra parte do mundo.

Porem o fascismo possui um imenso sistema de propaganda no estrangeiro que dificulta o conhecimento da verdade. As revelações do "Harper's Magazine", do "New York World" e do "Chicago Tribune", rasgam em parte o véo das falsidades difundidas pelo fascismo no estrangeiro.

O fascismo tem um modo simples de descartar-se de seus adversários: deporta-os ou os assassina. Não é preciso nenhum processo. Há processos muito mais sumários.

O fascismo introduziu na Itália um sistema terrível que recorda os mais tenebrosos métodos da Idade Média.

"A ILHA DO DIABO ITALIANA" Lipari, é uma pequena ilha próxima da Sicília. Não é possível chegar-se a ela com liberdade. Uns seiscientos agentes do governo fascista vigiam, ali, 500 deportados. Encarcerados temíveis, rápidas lanchas automotivas, providas de canhões e metralhadoras, tornam quase impossível qualquer evasão. Tentar fugir significa a morte certa.

FRANCISCO S. NITTI (Tópicos de um prefácio ao livro "Fugidos do inferno fascista", de Francisco S. Nitti).

Imperialismo nazista

A UKRAINA É A PONTE QUE NOS UNE AO ORIENTE.

O povo alemão encontra-se em vésperas de graves acontecimentos políticos que terão um alcance capital para a nação sem espaço que somos.

Desse modo, devemos concentrar nossa atenção sobre a ponte que nos liga ao Oriente.

A questão ucraniana é, com respeito à Alemanha, de um interesse racial de primeira ordem. A evolução futura deste imenso território de colonização povoado por 40 milhões de ucranianos e que se estende desde a Galícia oriental até o Don e até o Mar Negro, interessa profundamente o futuro de nossa política e de nossa economia. Existe uma grande comunidade de interesses (I. N. d. r.) entre nós outros, alemães, e o povo ucraniano.

Não devemos, de nenhuma forma, deixar-nos escapar as oportunidades que a história nos oferece.

("General Anzeiger", ex-jornal radical de esquerda, "transformado" em extremista nazi-Dortmund).

A mulher alemã como profissional da maternidade e do amor conjugal, segundo o plano da "pátria nova"

"A emancipação das mulheres é parte do movimento democrático; começa com a Revolução Francesa..."

BERTRAND RUSSEL

A grande guerra deu novos elementos de estabilidade à emancipação da mulher. Ideia que vinha criando um ambiente, de caráter político, desde que as doutrinas democráticas mais se afirmaram e se propagaram. Esse ambiente foi enriquecido durante a guerra pela experiência econômica adquirida pela mulher, e pela super-valorização que ela conseguiu, participando — na retaguarda e nas organizações de assistência, assim como nos postos que os soldados haviam deixado vazios (serviços de transportes e outros, principalmente os burocráticos e de profissões onde se requeria menor esforço físico), de uma soma de atividade que sempre o homem considerara inerente à sua "superioridade masculina".

Nos anos que se seguiram à guerra, e quando as exigências da produção vinham encontrar um exército de homens que a carnificina rudemente combalira e tornara desencorajados e desorientados, para lhes alimentar as turbinas e acionar-lhes as máquinas nas cidades e nos campos, era a mulher que servia, como elemento de compensação do esforço humano, enquanto não se concertava a situação na paz. A essa companheira de seus dias atormentados, o homem não poderia negar o que devia, e que era tão pouco: igualdade de direitos políticos, e maior liberdade na escolha das profissões. Logo, fatores outros surgiram, e a mulher era obrigada a ir-se desfazendo das esperanças de facéis matrimônios. A situação econômica de grandes nações passava pelo período que antecedeu ao agravamento da crise mundial. A mulher era obrigada a lutar pela sua subsistência. Doutro lado, ainda, a experiência russa ia abrindo novos horizontes, ao mesmo tempo em que a "girl" americana ensalava a sua independência, condicionada, infeliz-

mente, a miseráveis circunstâncias de instabilidade econômica.

Nesse quadro geral de uma situação que positivamente valia por uma transfiguração na vida da mulher, destacou-se mais do que nenhum outro detalhe, o estado de emancipação da mulher alemã.

Distribuído-se de igual para igual com o homem, em todos os setores da atividade burocrática e profissional, como funcionária, como proletária, como eficiente elemento das classes liberais, a mulher alemã atingira a um alto grau de emancipação. A maternidade conciente completava-lhe essa emancipação, trazendo-a para o mesmo nível onde o sexo chamado "forte", outrora dominava sózinho e onipotente.

Pois bem, é a esse estado de emancipação evidente a que o fascismo acaba de impôr cadeias. A função cretinizadora de Hitler, levada ao paroxismo da reviviscência da idade-média, já "transformou ao fanfarrão de sua demagogia barata, a mentalidade da mulher alemã... E o pior é que essa "transformação" vem do alto, imposta pela "coincidência" das normas aprovadas pelo "fuhrer", e portanto, divinizada pela estreitíssima visão das coisas que os nazis revelam, no interesse da manutenção do partido no poder. E' preciso entorpecer assim as massas.

E' o que nos conta este telegrama publicado a 10 do corrente:

"A organização feminina que realizou o movimento da pátria nova" apresentou a aprovação do chanceler Hitler o seu programa de ação, que corresponde, aproximadamente, à adoção integral dos pontos de vista dos nazis, no que diz respeito aos deveres e direitos das mulheres.

A nova organização se baseia, principalmente, na renúncia, por parte do sexo feminino, aos chamados direitos políticos e profissionais, para dedicar toda a sua atividade e preferência aos deveres domésticos.

O programa proposto prevê que todo o curso educacional para moças, de-

A Economia na Alemanha Nazista

A imprensa alemã também "unificada" não consegue compreender a situação econômica da Alemanha nazista, porém, chocam-se com a incredulidade e a ironia, pois trazem muito a mostra o extenuante do Ministério da Propaganda do Reich.

Em todos os círculos econômicos não se ouve senão esta opinião unânime: "A situação não esteve nunca tão grave como agora!" E já se compreende, entre as linhas, esta profecia pessimista: "Mais alguns meses assim e virá a catástrofe!" ("Rundschau" — Basileia)

ve terminar por um ano de serviço doméstico, à unidade do ano de serviço militar, exigido dos homens, seguindo-se ainda um ano de "serviço feminino para o Estado" sempre nas funções domésticas tomadas em seu sentido mais lato.

O plano geral da "Pátria nova" põe a cozinha acima das urnas eleitorais e os trabalhos de casa em plano superior aos serviços burocráticos, reivindicando para a mulher a sua verdadeira profissão de mãe e de esposa, como os mais altos de seus deveres." — (U. T. B.)

Não temos comentário para isto. As futuras profissões da maternidade e do "amor conjugal" (submissão mental, moral, sexual), esquecem-se de tudo... Que uma Constituição havia de se podia ler a supressão de "todas as disposições de execução contra os funcionários do sexo feminino": na qual se consignava que "homens e mulheres têm, em princípio, os mesmos direitos e deveres civis", e em que se determinava que a família, constitua sob o casamento, se baseava "na igualdade jurídica de ambos os sexos".

Isto a lei, para não lembrarmos o que havia de fato, que era muito mais que tudo isso. Agora as mulheres alemãs vão ser profissionais de fazer crianças, para as tropas de assalto, e vão se tornar habéis cozinheiras como empregadas dos seus maridos. "As urnas abaixo da cozinha!". Que confusão!

Mas, Hitler não parará aí. A princesa com quem se vai casar, e que será a sua empregada de amor sexual (afinal, Hitler poderá ser marido ou marido?) essa princesa irá, naturalmente, em futuro não muito distante, usar um daqueles famosos cinturões de ferro, que resguardavam a "honra" das mulheres daqueles sujeitos que partiam para as Cruzadas da Terra Santa, nesse tempo em que havia pilhagens a se fazer na santa terra por onde andou o bom rapaz chamado Jesus...

H O M O

CASA KAFTAL

Marroquinerie de luxo

Rua Sebastião Pereira N.º 96

OS ATAQUES DO DELEGADO ALEMÃO AO PROLETARIADO SUL-AMERICANO

GENEIRA, 17 (E.) — O "Jornal das Nações" publica hoje uma declaração do sr. Salem, delegado operário do Uruguai à Conferência do Trabalho, a respeito dos conceitos emitidos pelo seu colega alemão, a respeito da proletariado sul-americano.

A declaração está assim redigida: "A atitude do delegado alemão, dr.

Ley, é tanto mais injusta e ofensiva para o Uruguai quanto falsa a afirmação de que ambos tinham trocado impressões sobre suas declarações. Durante os três anos que ocupo o lugar de delegado do meu país, ainda não tive ocasião de me encontrar com o representante alemão e no correr das conferências anteriores, em que tomei parte, não deixei de empregar todos os esforços para fazer progredir a causa do proletariado.

As palavras do delegado alemão constituem, a meu ver, uma agressão tão inaudita e tão imerecida que não tenho outra atitude a tomar que não seja o dar-lhe o mais profundo desprezo. Estou absolutamente convencido de que, embora não tenham cursado universidade e não possuam como o sr. Ley, o título de doutor, os operários americanos seriam incapazes de praticar uma incorreção e ofender gratuitamente povos e homens, cujos esforços são muitas vezes ignorados e que

PIANOS
NOVOS E DE OCCASIAO
OS MELHORES DA PRAÇA
CASA LEVY
VENDAS - ALUGUEL - TROCA
67, Rua Barão Itapetininga

vêm de longínquos países com o objetivo de contribuir, embora modestamente, para melhorar a situação do proletariado, tanto mundial como europeu.

Os fatos, com toda a sua eloquência demonstram que os operários da América sabem que tinham de lutar e mostrar da conquista de seus direitos e de sua liberdade.

Que mais podiam fazer? Nós, delegados operários americanos nos consideramos iguais aos alemães e achamos que representamos uma força democrática superior à da Alemanha hitlerista. E', pois, em nome da solidariedade operária que peço ao grupo operário da Conferência que faça causa comum comigo na declaração que faço em resposta às injúrias gratuitas do delegado alemão.

Os delegados operários americanos repelem como injustas e infundadas as agressões alemãs e declaram que não querem tomar parte com essa delegação nos trabalhos da Conferência.

A Cooperativa

MOVEIS E TAPETARIAS

Rua José Paulino, 80-A

Tel. 4-0918

Tel. 5-1075

FABRICA DE MALHAS

Rua Ribeiro Rizzo, 47

Paratodos

Verdades interessantes

Na lista dos homens mais ricos do mundo está em primeiro lugar Henry Ford com cerca 5 bilhões de marcos ouro; seguem-se John D. Rockefeller, John D. Rockefeller Junior, o duque de Westminster, Gacckwar de Baroda, T. B. Walker, George Baker, J. B. Duke, Percy Rockefeller, Sir Basil Zaharoff, Barão Vasacki, Andrew W. Mellon, Lord Derby, Ex-Imperador Guilherme II, John Pierpont Morgan, François Coty — nenhum deles é judeu!

As dez maiores fortunas da Alemanha estão nas seguintes mãos: Ex-Imperador Guilherme II, príncipe Albert de Thurn e Taxis, Sra. Berta Krupp von Bohlen e Halbach, Fritz Thyssen, Otto Wolff, Príncipe João de Hohenlohe-Oehringen, Príncipe Maximiliano

Egon de Furstenberg, Príncipe Guideto Henckel de Donnersmarck, Príncipe Henrique XV de Pless, Príncipe Friedrich da Prússia.

Contando-se como fazem os antissemitas, todos os judeus de todos os países em conjunto não ficam estes em posição mais favoráveis que os não-judeus! Dentro dos 16 milhões de judeus no mundo existem alguns milhares de milionários, muitos milhares de burgueses bem situados, porém um formidável proletariado na Rússia, na Rumania, Estados Unidos, Polónia, etc. O constante retrocesso das camadas médias na Alemanha provocou também a uma intensa proletarianização das camadas judaicas — Transcrito do "Abwehr Blätter", de Berlim, Outubro de 1932.

CINEMA

G. UCICKY — "MORGENROT" — "HEROIS DO MAR"

O primeiro filme da Ufa a serviço da propaganda guerreira da ditadura hitlerista, que é "nova" Alemanha, da hegemonia militarista em "ré-venche" e do racismo demente, em vista das pláticas do mundo. E quem sabe a resposta da cinematografia alemã controlada pelos novos patões, aos filmes "Quatro de Infantaria" de Pabst e "Nada do novo na frente ocidental" de Milestone, cujas cópias, naturalmente, serão lançadas à fogueira pela selvageria nazista, como contrárias à ideia de pátria e à da instituição do "herói alemão".

"Morgenrot" quer reviver a exaltação belica do sangue e do fogo, desde que ainda haja alguém que possa esquecer o cataclismo de ferro, morte e fome que foi o crime de 1914-1918, de cuja tragédia a Alemanha por certo não sofreu as consequências menores; e desde que haja alguém que ainda se faça levar pelo entusiasmo patriótico-guerreiro que o filme da Ufa pretende suscitar. É compreensível que este filme tenha alcançado o seu objetivo, em parte, na Alemanha, entre as massas alucinadas pela demagogia nacional-socialista à base de manifestações, bandeiras, fardas, fogos de artifício, hinos e declamações chauvinistas. Aqui, não; pelo que podemos observar nas salas de exhibição, o ambiente não é oropéio, e a multidão é imune aos entusiasmos que "Morgenrot" se propõe transmitir; aliás, não os presenciamos ante as cenas culminantes, cuja finalidade é determinar o sentimento e a simpatia para com as ideias de sacrifício, de heroísmo e de guerra; porque essas ideias são mentirosas, falsas, querem justificar a destruição das nações e o brutal despojo da vida humana. Precisamente o contrário da onda de comoção e de revolta, transbordante da platéia, que nos arrebatou ante os quadros verdadeiros, trágicos e expressivos de "Quatro Filhos", "Nada de

novos", "Quatro de Infantaria", "Morgenrot" nem consegue nobilitar o herói da guerra com alguma fórmula ideológica elevada, embora pretextual: em "Nada de matarás" de Lubitsch, por exemplo, reabilitam-se os homens que transvairam e mataram, é verdade, acossados pelos acontecimentos, mas que, uma vez sobreviventes e rehavidos da catástrofe, adquiriram a consciência e consideraram o horror das ruínas e o absurdo dos falsos sentimentos e ideias que justificam a guerra: afirmaram-se, assim, a repulsa ao ódio racial e a valorização da vida humana.

Feitas essas considerações acerca do tema de "Morgenrot", passamos à realização: como realização do próprio tema, este filme ficou aquém das películas que acima tomamos para conforto; aquelas alcançaram evidenciar, através de sua construção técnica e artística, a finalidade moral e humana em oposição à terrível e cruel realidade entrevista no cenário da guerra; enquanto que "Heróis do Mar", concentra toda a realização de seu tema em torno de algumas cenas comuns de delírio patriótico e de dois episódios de guerra naval, com a única finalidade de ilustrar a "idealidade" beligerante do soldado germanico e de glorificar o heroísmo do submarino alemão; tal conteúdo dispensa maiores apreciações. Toda a "ideologia" de "Morgenrot" manifesta-se na literatura dos diálogos com que se pretende afirmar a filosofia da guerra, mas que, efetivamente, não passam de retórica vulgar e usada da demagogia guerreira.

Técnicamente o filme possui muitas qualidades de construção cênica e de fotografia, sequências bem encadeadas, ótima camera, andamento uniforme e ritmado, magnífica tomada de som. As cenas de manobras do submarino, bem como as dos ataques às náus inglesas, verídicas e emocionantes.

Pena que o talento de um Ucicky e tão bom material cinematográfico sirva para causa tão antipática.

J. von Sternberg: — "VENUS LOURA"

Mais uma fita da famosa série

CONTRA O FASCISMO

O Partido trabalhista mineiro manifesta-se francamente contrário ao fascismo e vai promover a organização da Frente Unica contra as correntes fascistas existentes no Brasil

BELO HORIZONTE, 22 (H) — O Partido Trabalhista Mineiro, iniciando um intenso movimento de arregimentação de classe, deliberou, em sua última reunião, aderir ao congresso proletário sul-americano, a realizar-se em Itajubá, em agosto próximo.

O conselho diretor do Partido Trabalhista Mineiro autorizou, na mesma reunião, por unanimidade de votos, o seu presidente a tomar uma atitude francamente contrária às organizações fascistas, recentemente criadas no Brasil, e constituir com a adesão de todos aqueles que são contrários a essa doutrina, uma coligação ou frente-única anti-fascista, destinada a combater as organizações já existentes ou que venham a existir, bem como qualquer manifestação fascista no meio político, social e administrativo do país.

Essa coligação deverá fazer oposição ao Integralismo, à Ação Social Brasileira e outras organizações.

Sternberg-Marlene, como as anteriores, abundante de qualidades individuais do diretor e da atriz. De todas as interpretações de Marlene, é esta a mais humana e simpática. E de todas as realizações de von Sternberg, esta película representa a perfeição do estilo cinematográfico do mais individual dos diretores ocidentais (ocidentais, porque falando de grandes diretores precisamos não nos esquecer dos soviéticos).

Em linha geral "Venus Loura" repete os temas e os processos artísticos empregados nas produções precedentes de Sternberg, exceção feita de "Docas de Nova York". Porém, acho que é esta a mais perfeita quanto à realização cênica e fotográfica, e a de maior valor, quanto ao argumento.

Enquanto "Anjo Azul", "Marrocos" e "Deshonrada" giram em torno de casos psicológico-sexuais, já encontramos em "Venus Loura" um cenário social em que são evidentes os conflitos econômico e moral. E, sendo os personagens de "Venus Loura" menos literários e mais humanos que os dos outros filmes citados, haviam Sternberg e Marlene de sobressair-se à uniformidade de que já se ressentiam em seus últimos trabalhos.

A película é de um perfeito acabamento estético, nem mais nem menos que a afirmação do virtuosismo cinematográfico do cineasta alemão. Mais do que nunca, excelente na composição da cena e na riqueza da decoração, nos pormenores de montagem, sempre "pitórico" e "litera-

Agencia Bremen Passagens

Largo de Santa Efigenia, 13
Tel. 2-5413

rio" em cada "quadro" fotográfico de todas as sequências, e estas, alinhadas numa continuidade tão perfeita que é difícil perceber a mutação das cenas. Não fora a vivacidade de sua camera agul e inteligente, espaçosa e dinâmica, enjoraria tanto precioso.

Nenhuma película de Sternberg é falada 100 por 100; ele não pode dispensar a musica, e é coerente consigo mesmo, porque de fato todos os seus filmes possuem o senso musical. O tom da voz em "Venus Loura" é de uma suavidade inédita, os diálogos são curtíssimos, expressivos. Logico: o "talkie" perfeito-se.

Marlene valorizou-se em "Venus Loura": humanizando-se, revela certas grandes qualidades que ainda não havia exteriorizado. Esperemos que na próxima película se afixem ainda mais, diretor e atriz, da formula romantico-individual em que iam submergindo.

ALPHEU PARANA.

A TEORIA DO MATERIALISMO HISTÓRICO - N. BUKHARIN

Peça à Edição Caramurá, à rua da Liberdade n.º 100.

Preço \$300 — Porte \$500

MUSICA

EXCUSAS E OUTRAS PENAS PARA TAPEAR

Circunstâncias imprevisíveis me obstaram os passos iniciados aqui no HOMEM LIVRE nesta seção musical. Mas voltando às plagas desinteressadas do prazer, volto aqui a falar sobre musica.

Por ora, não quero contar o que é. Porém o que é certo é que Paulo Ribeiro de Magalhães, Amadeu Amaral Jr. e outros acabam de idealizar uma formidável paródia à arte "snob" que anda grassando nestes ultimos tempos. Trata-se de coisa para a qual não tive autorização de divulgar.

E' caso de profunda "blague" e vai deixar os espiritos cheios de "sim senhor!" e de "ora veja só!". E' o deseno pelos vaivens da dormideira artistica.

Em tempo:

"A Instrução Artistica transferiu o seu concerto de 21, "sine die" em virtude de Brailowsky dar o seu concerto coincidindo.

Comentário:

— Quê, quê quê...

FERNANDO MENDES DE ALMEIDA

CASA KLIASS

Praça Ramos de Azevedo n.º 18

O Homem Livre

SEMANARIO ANTI-FASCISTA

APARECE TODOS OS SABADOS

ASSIGNATURA:

Ano: 26\$000
Semestre: 16\$000
Trimestre: 8\$000

Este jornal não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados.

Rua São Bento, 58 — 2.º andar

O
homem
livre
a partir do
proximo
numero,
apresentará novo
formato,
maior
numero de
paginas e
seleção
mais
apurada de
materia

Malharia Loslowski

Rua José Paulino, 89
Tel. 5-4163

Madame Jeny

ATELIER DE MODAS

Rua Barão de Itapetininga, 71-A
Tel. 4-6537

O programa sob o qual se fundou o partido fascista pela primeira vez em 1919, exigia: 1.º — espropriação das propriedades rurais; 2.º — espropriação das fábricas; 3.º — espropriação das minas e das empresas de transportes; 4.º — espropriação dos Bancos; 5.º — exproprição dos bens eclesásticos. E mais: autonomia das diversas regiões italianas, federalismo e constituição. Em 23 de Março do mesmo ano Mussolini havia dito: "Caminhamos em todos os sentidos para uma democracia mais ampla, economica e politicamente". No dia seguinte escreveu: — "Queremos um plebiscito nacional em que se decida pela monarquia ou pela república. Declaramos desde já: nós queremos uma república. Repelliremos qualquer forma de ditadura".

O que fermentou no fascismo e se desloçou em ações violentas sem objetivo nem finalidade, resumiu-se sem mudança do programa e foi dirigido sobre um ponto: contra o movimento operário e o partido socialista; o fascismo obteve então tudo quanto a classe dominante ponde lhe dar: armas, dinheiro e impunidade. E muitos que se haviam reunido sob a bandeira do descontentamento, achavam-se ligados a tarefas que lhe eram estranhas, porém, sem duvida, libertados da inquietude, do vago sem plano, da inação enervante. Os fascistas se haviam convertido numa tropa mercenária sem que muitos deles se tivessem dado conta disso. A classe dominante havia renunciado à legalidade sem reconhecer a sua hegemonia.

Sem duvida, a impossibilidade de salvar-se era patente. Foi motivada pelo fato de que a ilegalidade residia no próprio governo, em mãos de uma minoria moralmente corrompida que havia perdido o poder após uma guerra civil, representante das classes privilegiadas, as quais eram fracas de mais para defender o seu predomínio e eram demasiado nécias para fazer concessões em favor de um desenvolvimento pacífico da democracia. Toda classe dominante que transforma um Estado constitucional em uma ditadura, impõe com isso o Estado sobre

bitolas de que depois não é capaz de tirá-lo. Desde então o programa fica reduzido a coisa sem importância. "Nosso programa consiste em governar a Itália", havia dito Mussolini pouco antes de se apropriar do país; porém, ainda que não tivesse consciência dessa falta de programa (mais tarde tratava de a dissimular por meio de programas existentes só no papel), o fascismo converteu-se em um movimento sem programa, cuja atitude era ditada a cada passo pela necessidade de conservar o poder. Como consequência dessa situação forçada, vieram os princípios do programa.

Deste modo a necessidade de reagir contra a grande maioria do Estado fez converter a hostilidade (1) de Mussolini contra o Estado em apoteose do Estado forte, em programa fascista; exatamente o mesmo que quando o desejo de sujeitar as massas, com a ajuda da igreja suprimiu a anti-religiosidade do chefe e de seus mercenários (2), até chegar à clericalização da escola e à reconstituição dos Estados pontifícios. A necessidade, da parte da ditadura, de ter os trabalhadores na mão para os vigiar do ponto de vista político e para com eles manobrar, para, em caso necessário poder também entregá-los ao negociante, originou o "conceito genial" do Estado de corporações; e com isso foram perfilados os contornos do Estado fascista. "Em primeiro lugar o Estado forte, segundo a formula de Mussolini: "tudo para o Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado". Forte, significa: concentração em um presidente do Conselho de Ministros, provido de prerogativas reais, sem parlamento, tão somente apoiado sobre uma junta de membros do partido, que exerce uma parte das atribuições parlamentares, sob o nome de Grande Conselho.

Um aparelho aparelhamento policial, enorme, que custou, segundo o senador Cicotti, mil milhões de liras, em 1928, cinco mil vezes mais do que os franceses gastaram para o seu serviço de segurança. A anulação da autonomia das comunidades; chefia das comunidades desde o alto, isto é, pelo "poder". Como consequência do poder ilegal do qual surgiu, ficou o fascismo a milícia de seu partido. E para disfarçar o domínio ilegal do parti-

O FASCISMO ITALIANO

do, emprestou-se aos funcionários deste o caráter de empregados. O secretário geral do partido é escolhido por meio de um decreto real e tem o título de excelência. Segundo a lei, deve estar presente nas sessões do Conselho de Ministros. A ofensa a um empregado do partido fascista é castigada como ofensa ao poder publico.

Quanto ao Estado de corporações, seu unico sucesso reside em que é levado a sério no estrangeiro, e se considera este edificio, construído tão só no papel, como alguma coisa viva e ativa. Em teoria, este Estado de corporações deve concentrar os homens segundo sua posição na produção, e dar representação aos interesses dos agrupamentos economicos — os quais, segundo o conceito fascista são unidades organicas — porém não na livre competição das forças, mas sim sob a tutela do Estado. Si existir algum produto bastardo que vive realmente sob mínimas condições de subsistencia, é esta fusão do Estado centralista com o pensamento corporativo. Um exclui o outro.

A organização corporativa tem uma função só no Estado debil, já que é uma forma de defesa coletiva, do individuo, que surgiu da disseminação medieval da sociedade, em numerosos grupos independentes.

E vive, com efeito sob condições mínimas de subsistencia, pois as corporações fascistas não vivem. Todo o edificio está construído sobre um engano. Isto é, sobre o falso suposto de que uma restrição de direito de coaligação — ou melhor dito, sua anulação — atua de igual forma sobre capitalistas e sobre trabalhadores, não alterando a mutua relação de forças. Porém, enquanto que o trabalhador isolado é indefeso, o industrial isolado não o é. Nenhum dano se causa ao proprietário dos meios de produção, fazendo-o entrar de modo forçado em organizações, e proibindo-lhe a separação dos trabalhadores. Não há organização forçada que possa impedir-lhe chegar com outros industriais ao acordo de fe-

char seu estabelecimento quando lhe agrada. Isto sucede efetivamente com muita frequência na Itália; e, passado certo tempo, voltase a empregar os trabalhadores, mas já sob outras condições. Apenas, isto não se chama então "lock-out". Pelo contrario, o trabalhador que não possui nem o direito de coaligação, nem o de greve, não dispõe de nenhuma possibilidade pratica para exercer a sua resistencia. A sindicalização obrigatoria, cujos dirigentes são nomeados pelo Governo e por ele podem ser despedidos, não lhe pode prestar amparo, ainda que acredite em ser isso possível. Onde teria a força o poder que amparasse o trabalhador completamente despojado de sua capacidade de defender-se contra os capitalistas em plena posse de poder? Na realidade, não é finalidade dos sindicatos a proteção dos interesses dos trabalhadores: basta que deem a impressão de os proteger.

O resultado? Contemplemos o que sucede com os trabalhadores do campo. Segundo as indicações feitas em seu Congresso, em 27 e 28 de Setembro de 1931, em Milão, haviam sofrido, nas provincias da Lombardia, reduções de salários até 50 por cento, e isto com uma menor força aquisitiva do dinheiro. Nestas condições, para não despojar o país, o fascismo proibiu não só a emigração, senão também a liberdade de domiciliar-se no próprio país. Para poder abandonar sua localidade natal, todo o trabalhador parado necessita de uma licença do prefeito. Se não encontrar trabalho em outro lugar no fim de quinze dias, é re-expellido por força à sua terra natal... Na industria não se pode impedir a emigração dos trabalhadores mais capacitados, e os proprios industriais se queixam da falta de bons operarios, os quais foram para o estrangeiro sem passaporte. Os diretores das fabricas viram-se forçados a empregar operarios não instruidos, só porque eram fascistas.

Hoje, enquanto todas as fabricas despedem trabalhadores, o órgão dos

sindicatos fascistas se queixa de que é precisamente aos membros da milicia e do partido fascista que se despede em primeiro lugar. Ao colocar os trabalhadores, não tiveram outra alternativa: à base da lei, tiveram que empregar em primeiro lugar os membros da milicia, e depois, os do partido fascista e dos sindicatos.

Ao despedi-los, porém, começam pelos mais incapazes.

Para a economia todo o sistema sindicalista resultou num erro enorme. O industrial, como individuo, sai ganhando em consequencia da proibição da greve; a industria perde, desde que a possibilidade de baixar cada vez mais os salarios impele a mutua competencia dos industriais ao sistema de diminuir os progressivamente; isto é, a má produção e ao desaparecimento da capacidade aquisitiva.

Objeta-se que isto não pertence necessariamente ao fascismo. Porém, é completamente assim, e pertence necessariamente a todo regime que pde a perder si deixar as massas em liberdade de exprimir sua vontade. A censura da imprensa, até chegar à prostituição mais asquerosa; um sistema de delação que penetra até dentro da familia, nas aulas das universidades, na escola e na officina; um código penal com quasi ottocentos artigos; colocar o acusado indefeso perante o Estado; um barbaro sistema penal, com a morte como diversão para a milicia; a corrupção económica que, em país pobre, leva a um enorme enriquecimento os dirigentes do partido, enquanto que o povo é espoliado; a monopolização do poder politico e economico por canaíhas exploradores e ambiciosos; estes são os frutos da "renascença nacional" na Italia. Frutos inevitáveis num regime sem liberdade, como o bolór em lugar sem sol.

Sim, porém, os trens chegam e partem pontualmente! Estes trens são o certo modo o emblema do triunfo fascista, do arco triunfal pelo qual Mussolini entra na historia do mundo. Simbolizam o país, penteado e ondulado para o estrangeiros, hostil e incomodo para o proprio povo, porém arrumado para os turistas, que não deixam de se maravilhar por encontrar caleficação central em vez de lamparinas, policias em vez de ladrões. Não é a

grande Italia com sua cultura de mil anos, cujos trabalhadores ainda hoje edificam os caminhos de todo o mundo, que com seu excesso de população luta por seu pão, que soube crear-se, sem carvão, uma industria sua, pobre de capitais, rica em homens, fiel à pátria mas sem chauvinismo, trabalhadora e inimiga de marchas e uniformes, e portadora, afinal, de uma firme vontade de participar nas atividades de uma comunidade humana. Não é esta a Italia que se encontra detraz do letreiro anunciando os trens pontuais. Não é uma Italia "nacional" com suas particularidades. Não. E' o caosinho adestrado que diverte os estrangeiros, quando não lhes inspira misericórdia. E' um povo ao qual garrotearam sua liberdade e seu caráter.

O proprio ser não se desenvolve sob a força. Não se desperta um povo com ruído de correntes, nem se lhe mostra o porvir a chicotadas. Somente em uma disciplina ditada por si mesma uma nação abre suas entranhas e põe de manifesto seus tesouros essenciais. O fascismo é uma senda aberta através da lama e do sangue. Sobre um solo semelhante a Italia nunca chegará a si propria, nunca alcançará o desenvolvimento a que está predestinada pela historia como possibilidade para lograr a felicidade e a cultura, fundandose nas disposições naturais de sua população. Como tão pouco o logrará a Alemanha violentada pelos nacional-socialistas.

ODA OLBERG

(Do livro: "Nacional-socialismo" — Crítica do movimento fascista alemão)

(1) Em 6 de Abril de 1920 escreveu num artigo de fundo do "Popolo d'Italia": "Eu parto do individuo e me dirijo contra o Estado. Se a reação contra o tempo" da guerra (adianto uma hora em meu relógio) fôr o esforço mais energico do individuo contra o Estado, teriamos todavia uma chispa de esperança em nossas almas. Abaixo o Estado em todas as suas formas; e o Estado de ontem e o de amanhã, o burguês e o socialista!".

(2) "Deus não existe. A religião, desde o ponto de vista científico, é um disparate; na pratica, uma immoralidade; e no caso dos homens que nela crêm, uma enfermidade."

UMA VITÓRIA DO HITLERISMO

O DELEGADO "OPERÁRIO" NAZISTA EXPULSO DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO TRABALHO.

Uma das características principais do hitlerismo é a extrema brutalidade, que se exerce sobre tudo quanto não participa do seu credo. A violência é, na Alemanha de hoje, o "leit-motif" dominante. As relações entre os homens, ali, observadas do ponto de vista racista, não são senão a reprodução de hábitos peculiares aos hunos, aos quais os "filósofos" e os "teóricos" do nacional-cristianismo tanto apressam a confrontar-se.

Mas mesmo fora da Alemanha, os apuniguados do "bigodinho de ferro" empregam ou pretendem empregar os seus suaves métodos.

O resultado dessa atitude é, às vezes, doloroso para a sua presunção morbida.

O último grande sucesso da política fascista de Hitler foi o alcançado, há poucos dias, no seio da Conferência Internacional do Trabalho, da reunião em Genebra; sucesso esse que os delegados alemães tiveram de compartilhar com os seus "irmãos" mais velhos, os fascistas italianos.

Um tal dr. Ley, nazista, foi mandado a Genebra na qualidade de delegado "operário" alemão, (enquanto as hordas de Hitler assassinam centenas de operários em toda a Alemanha). Fantaziado a última hora de "operário", tivera a incumbência de defender a escravagista lei hitleriana do trabalho.

Durante os debates o seu congener italiano sustentou-o condignamente colocando-se ao seu lado em todas as questões. Não representassem, tanto um como outro, os interesses dos patrões!

Mas, desde o início dos trabalhos, evidenciou-se a imensa baixa intelectual e moral do tal "dr." Ley, que ocasionou gravíssimos incidentes, quer pela sua grosseria e truculência, quer pela sua incomensurável ignorância do assunto de que tratava.

Julgando encontrar-se no Terceiro Reich, onde tudo é lícito para um fascista, o delegado alemão, numa das primeiras sessões, insultou incrivelmente os delegados operários sul-americanos, taxando-os de "idiotas", e de "verdadeiros criminosos", "bastardos indignos de sentarem ao lado de arianos" e de outros insultos dignos de um "nazi".

A repulsa por tal baixa atuação foi tão grande no seio da Conferência que determinou a suspensão temporária das sessões, antes, e, em seguida, devido aos protestos indignados de todas as outras delegações, a expulsão do delegado "operário" dr. Ley, da Conferência.

E atrás dele foi-se também toda a delegação nazista que, se solidarizou, destarte, com o modo de proceder pura marca ariana fascista do apuniguado de Hitler.

Como dissemos, eis mais um grande sucesso do "Führer".

Dr. Elias Machado

Engenharia Civil

RUA LIBERO BADARÓ N. 30

A "EXPERIÊNCIA N. 2" EM SE-
GUNDA EDIÇÃO

Comemorando o aniversário do seu linchamento, o engenheiro Flavio de Carvalho colocou nas principais livrarias de São Paulo uma segunda edição do seu livro "Experiência n. 2", a preço reduzido.

Recordamos aos leitores que o jovem engenheiro, em 1931, descejo de estudar de perto a animosidade inconsciente e consciente das massas de crentes, provocou voluntariamente a ira de uma praieira de "Corpus Christi", realizando uma experiência que durou horas e meia e colhendo, assim, dados para os seus estudos.

Obrigações — Bonus Promissórias

C. I. T. A. mantém um excelente serviço de informações sobre valor, vantagens e condições dos títulos públicos.

Fazem vossos negócios por intermédio de:

C. I. T. A. LDA.

Direção de Percy D. Levy
São Paulo — Santos — Rio
Caixa Postal 3740 (S. Paulo)

O problema da cultura popular no Brasil

13

Na sua forma concreta, também a cultura constitui uma riqueza material. Também a cultura, portanto, é susceptível de ser apropriada como uma outra riqueza natural qualquer: o ferro, o solo, os animais. Essa riqueza é enorme: basta pensar no que o homem construiu ao longo dos séculos. E toda essa enorme riqueza, como tudo o resto que há na terra, encontra-se nas mãos de um punhado de proprietários.

14

Não queremos nos referir somente ao ato de produzir a cultura. Este é um trabalho como um outro, que tem portanto seu preço. O produtor de cultura, como trabalhador que é, portanto, tem seu preço. O produtor de cultura, como trabalhador que é, se quer viver, procura vender a sua força de trabalho. Nada mais natural.

A condição dos intelectuais aproxima-se muito não só à dos artesãos, mas até à dos operários. Se não existem grandes fábricas de romances, o romancista é porém acorrentado por meio de contratos às grandes casas editoras. No caso dos artistas, o fato de que alguns deles enriquecem não nos contradiz. Estes formam uma insignificante minoria, mas são também eles explorados ou utilizados e aproveitados de qualquer forma. Se nós formos contar os intelectuais nossos contemporâneos que têm a coragem de assumir uma posição livre perante

o mundo capitalista, veremos que podemos fazê-lo sobre os dez dedos das mãos.

15

Mas existe uma outra cultura, uma cultura já criada, a cultura do passado, que como a contemporânea, tem seus seus donos, que a herdaram ou a roubaram. A cultura do passado, mais do que contemporânea, é uma guardada propriedade, porque já cristalizada em formas definitivas. E, geralmente, o seu dono mais acatado é o estado, o qual sob a alegação de protegê-la, não faz mais do que limitá-la para seu uso e consumo.

16

Esta cultura do passado tem para a humanidade uma grande utilidade. Objeção-se-á que, pertencendo ao passado, ela não nos deveria interessar. Mas então, porque é que o estado capitalista inculca desde a infância o ensinamento religioso? Porque o estado bem conhece qual é a utilidade da religião para a sua própria existência... Assim, nós teríamos um grande interesse em difundir a razão pela qual Galileu foi perseguido, embora estas coisas pertençam ao passado...

17

Tanto no caso da cultura vivente como na do passado, além de sua imediata utilidade de caráter individual, como no caso da arte — que nos proporciona uma determinada espécie de prazer (cujo preço, na maioria dos ca-

sos, é inmensamente superior ao poder de aquisição não só dos trabalhadores assalariados mas até da pequena burguesia) — ou no caso da ciência que faz progredir a técnica da produção, e por esta sua utilidade política e social que a cultura não é empregada pelo arbítrio pessoal de seus proprietários, mas sim pelo estado, o qual como organismo de classe, portanto de "uma" classe, controla a sua aplicação de formas a ser útil ou pelo menos inocua aos interesses gerais da classe à qual pertencem seus proprietários.

18

Uma vez que o estado é organismo que determina a aplicação da cultura, é claro que ele nunca a empregaria para atenuar ou contrariar ou combater de qualquer forma o seu poder. Poder-se-ia objetar que na França, onde domina a burguesia, existe de fato, uma grande liberdade de pensamento, liberdade esta que não deixaria de ser prejudicial ao próprio estado. Antes de responder, é preciso lembrar-se de que a burguesia francesa é a mesma que fez a revolução de 1789. Mas se aquela liberdade existe, como fato concreto, existe não porque o estado a deu de presente às massas, mas sim porque estas, desde a revolução, participaram sempre de todos os movimentos políticos conquistando assim reivindicações que as classes dominantes não puderam anular.

FLAMMARION SERRA

CIÊNCIAS

Uma nova concepção do universo - O que diz A. Eddington

Para o homem comum, de limitados conhecimentos científicos, ou que, como geralmente acontece, não tem nenhum, torna-se difícil compreender o que nós entendemos por UNIVERSO. A rapidez desconcertante com a qual aparecem, de há algum tempo para cá, umas após as outras, as novas doutrinas e o número bem limitado de fatos até hoje provados rigorosamente, tornam as coisas ainda mais complicadas para a pessoa que não possui uma cultura especializada.

Artur Eddington, que consentiu em nos explicar a moderna teoria do universo, começou por declarar que "era bem difícil dar uma resposta adequada em poucas palavras. Mas, declarou, farei o possível para vos satisfazer".

"A questão apresenta muitos aspectos diferentes, e as ideias modernas sobre a natureza da matéria, sobre a natureza da energia e sobre a das radiações são extremamente difíceis e mesmo bastante abstrusas; mas se vós me permitis de pensar que a vossa pergunta se refere ao universo astronômico, a extensão e a organização do sistema das estrelas e das nebulosas, então minha tarefa será muito mais simples. No entanto, é preciso considerar os resultados atuais de nossas investigações como uma espécie de "romance policial da ciência", como a passagem de um romance-folhetim, na qual o autor do crime ainda não foi descoberto, embora as suspeitas já se encontrem na direção certa!

"Para abandonar as metáforas tiradas da literatura policial e voltando às matemáticas, aquele que procura o sentido do universo, deverá, creio eu, lembrar-se do que se poderia chamar de "pequena taboada de multiplicação celeste". Se se toma uma estrela como unidade, pode-se afirmar que, assim por alto, com bilhões de estrelas formam uma via látea e que com bilhões de vias láteas formam um universo".

"Qual é o significado real desses algarismos assombrosos?"

— Eles representam, no mínimo, uma indicação segura relativamente aos enormes progressos realizados ultimamente no domínio das grandes descobertas astronômicas, não faz muito tempo ainda que nossos maiores astrônomos julgavam que o sistema de estrelas de que a terra faz parte, constituía, somente ele, o universo todo; e é um fato significativo que os sete oitavos dos livros de astronomia de valor medíocre, publicados ali por 1900, ocupem-se quase que exclusivamente do sistema solar. E somente de uns dez anos para cá que nos foi possível acumular um número de documentos tal

que nos fornece as provas suficientes de que o que chamamos universo é infinitamente mais amplo do que jamais o teríamos imaginado."

— "De que forma foi-lhe possível adquirir esses documentos?"

— "Não creio que grangearia muitos agradecimentos de vossa parte como de vossos leitores se procurasse entrar em certos detalhes que são muito complicados e não oferecem mais do que um interesse técnico. Para falar em termos muito aproximativos nós conseguimos determinar a escala das distâncias das nebulosas em espirais muito afastadas por um processo trabalhoso de medidas exatas; tornam-se-nos possível identificar algumas categorias de estrelas muito familiares entre si e assim foi que pudemos nos reconhecer, mais ou menos, como um viajante perdido na noite poderia conhecer seu caminho vendo ao longe uma reverberação conhecida."

"De um estudo sobre o sistema das estrelas o qual provou que o sol nada mais era do que uma estrela das mais ordinárias entre as milhões que constituem a nossa via látea, pareceu-nos necessário concentrar a atenção às outras vias láteas. Comparações cuidadosamente estabelecidas mostraram-nos logo que mesmo a nossa via látea não tem uma importância particular em termos de dimensões. Creio que a velha teoria que fazia dela uma espécie de "continente" no espaço, enquanto as nebulosas em espiral eram comparadas a simples "ilhas" ia nos poucos sobre-estimando a sua grandeza."

"Têm-se muito trabalhado sobre as novas ideias do tempo e do espaço dadas por Einstein na sua teoria da relatividade e parece muito provável que essas pesquisas terão como resultado jogar uma nova luz sobre os detalhes extremamente difíceis e interessantes dessa famosa teoria, e isso, num futuro muito próximo. Na expectativa, temos feito progressos perfeitamente definidos no estabelecimento e no ajustamento das noções adquiridas até hoje, e das hipóteses, ainda incompletas, às quais derivam vida os fatos observados. Particularmente interessante, é notar como as teorias haviam permitido prever o movimento de expansão do universo muito antes de ser possível observar a grande velocidade das nebulosas, observação esta que veio confirmar aquela hipótese. Pessoalmente, creio que o universo é finito, isto é: que o número total dos átomos que o compõem é finito. Creio mesmo que podemos calcular, quasi de perto, a soma total desses átomos. Nossas observações atuais, bem entendido,

não se estendem ao inteiro universo; sabemos porém que o mais longínquo grupo de nebulosas conhecido, iniciou a sua prodigiosa viagem através do espaço há cento e cinquenta milhões de anos no mínimo."

— "Sabese, nesse caso, qual será o destino final do universo?"

— "E' apenas razoável uma tal pergunta. Embora isso pareça estranho, nenhuma descoberta por mais recente que for, veio contrariar a teoria geralmente adoptada, que Lord Kelvin emitiu há cerca de oitenta anos. Lord Kelvin pretendia que o universo seguisse um movimento regular devendo findar finalmente num estado de completa uniformidade, que não haveria de ser forçosamente uma completa imobilidade, mas simplesmente a inorganização perfeita e o caos. Pode-se conceber, é absolutamente inevitável, que a partir desse caos, o universo possa novamente se "reajustar". Mas não vejo de modo nenhum em que direção. Enquanto isso, não devemos esquecer que tais ideias referem-se a um futuro muito distante, do qual nos separam muitos milhões de anos; e o desmoronamento geral do universo em seu conjunto não impede que se cumpra a organização de mais em mais complexa de algumas de suas partes que se "reajustam" à custa das outras."

— "Estamos próximos à solução do problema de saber se outros planetas são habitáveis ou não, tanto na nossa "via látea" como numa outra qualquer?"

— Meu trabalho pessoal — diz o prof. Eddington — não permite de me ocupar muito desse problema, e, na verdade nada tenho a dizer sobre isso. No entanto compartilho a opinião de James Jeans. Segundo ele, um sistema solar assim como o nosso é coisa muito rara. Uma planta pode derramar milhares de sementes, dentre as quais somente uma ou duas germinarão. Creio que o mesmo se dá com os planetas habitados."

"Bem que o progresso alcançado recentemente tenha sido, no mesmo tempo, rápido e penetrante, os vazios que restam a preencher parecem aumentar em proporção, tanto pelo número como pelas dimensões. Talvez é preciso medir o progresso da ciência não pelo número de problemas resolvidos, mas sim pelo número de problemas levantados. Sem dúvida é muito decepcionante não encontrar senão tão pouca coisa em resposta às perguntas urgentes que se põem ao nosso espírito quanto a natureza e ao mecanismo das estrelas e das nebulosas; é decepcionante tocar assim com o dedo o que há de ilusório na nossa pro-

NO TERCEIRO REICH... Apologia do assassinio

Durante o discurso que pronunciou por ocasião do aniversário da reunião dos juristas nazis, o diretor ministerial Preussner tornou do conhecimento público — sob uma tempestade de aplausos — a declaração do ministro prussiano da Justiça, segundo a qual aqueles que foram declarados assassinos pelo antigo código em virtude de sua luta pela "liberdade" da Alemanha, seriam proclamados, agora, e solenemente, heróis da nação.

(Völkischer Beobachter, Munich).

A Alemanha desperta



— Ah! Estes cães! Conseguiremos inculcar-lhes o princípio da pureza da raça?

(Do Ceske Slovo, de Praga)

cura de verdade; mas é preciso também lembrar-se de que apenas dez anos atrás, não nos encontrávamos adiantados suficientemente para poder sequer formular esses problemas".

(Do "Observer" de Londres)

ESTER PEREZ

Parteira Diplomada

RUA CAIO PRADO, 57

Tel. 4-7110

A PROPOSITO DE GALILEU

Comemorando o tricentenário do processo de Galileu Galilei, o Instituto Geográfico e Histórico de São Paulo, acaba de propor e aprovar uma moção de simpatia ao grande martir da ciência. Esta moção motivou uma breve palestra por parte do sr. Nicolau Duarte Silva, transcrita pelo "Estado de São Paulo" de 22-6-1933 e da qual só por falta de espaço não damos aqui um resumo.

Embora com as devidas reservas, por não concordarmos com certos detalhes do ordenamento ideológico manifestados pelo discurso, não podemos deixar de apontar e apoiar a iniciativa do Instituto, por considerá-la sumamente oportuna, tanto mais num momento como este em que o obscurantismo internacional procura com todas as suas forças rechaçar a humanidade aos negros tempos da idade média.

Assim, desejariamos — nós, o nosso público e todos os amantes da liberdade e da verdade — que essa medida, a de comemorar os fatos salientes e os grandes nomes da história da ciência, se estendesse também aos nossos concretos tempos modernos e que o Instituto assumisse uma

UM HEROI DE CRUZ GAMADA

O barbeiro Teobald voltou para casa mais cedo do costume. — Que é que há? — perguntou-lhe surpreendida a mulher. — Preparo minha mala... — Partes?

— Não me perguntes nada e anda depressa! Tomou, depois, da sua mala e saiu recomendando à mulher: — Si procurarem por mim diz-me que viajei...

Dez minutos mais tarde, Teobald falava com o chefe da sua seção de assalto:

— Devo sair do país imediatamente.

— Que fizeste? Foriste alguém?

— Apontei o revolver na frente dele. Creio que morreu.

— Era um judeu?

— Não, um operário.

— Estavas executando ordens?

— Não, mas minha consciência nacional tinha sido ofendida.

— De que modo?

— Ele havia insultado Hitler.

— Que disse ele?

— Que os operários alemães recompensariam a Hitler segundo o seu mérito.

— E atiraste sobre ele.

— Julguei que isso era de meu dever nacional.

— Bom motivo.

Dez minutos mais tarde, Teobald, sobre uma motocicleta, atravessou Ling, passou a fronteira e chegou a Munich.

Tres dias depois sua mulher recebia uma carta de Munich nestes termos:

— "Não tenhas cuidado. Fui bem recebido. O meu ato foi aqui muito apreciado. E' um ato nacional, dizem-me os camaradas nazistas. Logo dar-me-ão de presente uma barbearia tomada a um judeu, e tu poderás vir ter comigo".

(De "Rothe Fahne" - Viena).

Peleria Nova-York

Tel. 4-8942

Barão de Itapetininga, 30

atitude mais rica, mais interessada, mais humana perante certos fatos atuais, desgarrando-se da passividade que tanto distingue a ele como às outras entidades nacionais e dirigindo os seus trabalhos para rumos sociais, na defesa do homem e da verdade, que é em suma a única finalidade admissível da ciência.

Frederico Gámbara

ADVOGADO

Praça da Sé 6 — 2.º sob.

Tel. 2-2157

TULHA SECADEIRA SALVADOR PIZA



Rua Libero Badaró, 30

São Paulo

C. I. SOUZA NOSCHESSE S/A

PARRICANTES DE

APARELHOS SANITARIOS E DOMESTICOS

RUA JULIO RIBEIRO, 33

SÃO PAULO

Loja: S. Paulo - R. Libero Badaró, 16-Tel. 2-2066 - End. Teleg. Fundação